

“A DESEJADA DAS GENTES”: UMA MULHER IMPOSSÍVEL

“A DESEJADA DAS GENTES”: AN IMPOSSIBLE WOMAN

Mayara de Andrade Calqui¹

RESUMO

O artigo propõe uma leitura do conto “A Desejada das Gentes”, de Machado de Assis, centrada na construção do desejo e na representação do feminino a partir da personagem Quintília. A análise parte da observação do modo como o narrador organiza o relato em torno de um eixo de negação, estruturando a figura feminina como objeto inatingível e, simultaneamente, como instância de poder e de recusa. Em seguida, relaciona-se essa dinâmica às convenções sociais e de gênero da sociedade oitocentista, conforme discutidas por Michelle Perrot e Eric Hobsbawm, evidenciando como a personagem se contrapõe ao ideal de mulher burguesa ao rejeitar o casamento e os papéis de domesticidade que lhe eram culturalmente impostos. A partir da teoria psicanalítica, o conceito de *objet a* é mobilizado para compreender a recusa de Quintília como manifestação do desejo e da falta, elementos estruturantes do sujeito. Por fim, a leitura do conto “O Espelho” é incorporada como suporte teórico, permitindo pensar a constituição do sujeito dividido entre a “alma exterior” e a “alma interior”, o que se reflete na representação de Quintília enquanto mulher atravessada por olhares e discursos masculinos. Assim, o estudo propõe uma articulação entre literatura, psicanálise e história social, iluminando o modo como Machado de Assis problematiza o feminino em sua complexidade simbólica e discursiva.

Palavras-chave: Machado de Assis, Literatura Brasileira, Conto brasileiro.

ABSTRACT

This paper offers a reading of Machado de Assis’s short story “A Desejada das Gentes”, focusing on the construction of desire and the representation of the feminine through the character Quintília. The analysis begins by observing how the narrator structures the narrative around an axis of negation, shaping the female figure as both unattainable object and locus of refusal and power. Subsequently, this dynamic is related to the social and gender conventions of nineteenth-century bourgeois society, as discussed by Michelle Perrot and Eric Hobsbawm, showing how Quintília defies the ideal of the bourgeois woman by rejecting marriage and the domestic roles culturally imposed upon her. Drawing on psychoanalysis, the concept of *objet a* is employed to understand Quintília’s denial as an expression of desire and lack — fundamental elements in the formation of the subject. Finally, Machado’s short story “O Espelho” (“The Mirror”) is incorporated as a theoretical framework to discuss the subject’s division between “outer

¹ Pós-doutoranda na Universidade de São Paulo e professora de Literatura e Língua Portuguesa no Departamento de Educação de Jovens e Adultos da Prefeitura Municipal de Santo André. É graduada, mestre e doutora em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: mayaracalqui@gmail.com

soul” and “inner soul,” which echoes in Quintília’s depiction as a woman traversed by male gazes and discourses. The study thus articulates literature, psychoanalysis, and social history to illuminate how Machado de Assis problematizes the feminine in its symbolic and discursive complexity.

Keywords: Machado de Assis, Brazilian Literature, Brazilian shortstory.

Introdução

Na literatura de Machado de Assis, muitas vezes a narrativa é marcada pela instabilidade do olhar narrativo e pela impossibilidade de apreender o outro em sua totalidade. Em contos como “A Desejada das Gentes”, publicado originalmente em *Várias Histórias* (1896), o autor explora o modo como o discurso masculino constrói e limita o feminino, especialmente quando este se apresenta como enigma. A narrativa parte da lembrança do Conselheiro, narrador e protagonista, sobre a “divina Quintília”, mulher de comportamento indecifrável, cuja recusa constante ao casamento desafia as expectativas sociais e os códigos de desejo do século XIX.²

A partir da relação entre o narrador e sua personagem, o conto propõe uma reflexão sobre os mecanismos do olhar e da interpretação: o Conselheiro narra para compreender o que não entende, tentando traduzir em termos fisiológicos o que ultrapassa a lógica da razão. Nesse movimento, revela mais sobre si do que sobre a mulher que pretende decifrar, o que coloca em questão a confiabilidade de sua voz narrativa. Assim como Bentinho, em *Dom Casmurro*, o Conselheiro é um narrador que se situa na fronteira entre confissão e construção ficcional, cuja tentativa de compreender o outro resulta, paradoxalmente, na exposição de sua própria incompletude.

A análise proposta neste artigo parte desse ponto de inflexão entre o narrador e o objeto narrado, para compreender como a figura de Quintília se constrói como metonímia do desejo e da recusa. Na primeira parte, observa-se o modo como o texto organiza o desejo em torno da ausência e da negação; em seguida, discute-se a representação da mulher no contexto burguês oitocentista, em diálogo com Michelle Perrot, Eric Hobsbawm e da teoria lacaniana do *objeto a*; por fim, retoma-se o conto “O

² Agradeço à amiga Marcela Cintra pelas conversas e reflexões compartilhadas acerca de “A Desejada das Gentes”, que contribuíram significativamente para o amadurecimento da análise desenvolvida neste artigo.

“Espelho”, também de Machado de Assis, como chave teórica para pensar a constituição do sujeito dividido entre a imagem exterior e a interioridade. Ao articular literatura, psicanálise e história social, busca-se iluminar a complexa rede de olhares e discursos que definem a mulher desejada (e impossível) no imaginário machadiano.

O desejo e suas negativas: a figura de Quintília

O conto “A Desejada das Gentes”, de Machado de Assis, inicia-se a partir do diálogo entre o Conselheiro, personagem-narrador, e seu interlocutor. Este último assume o papel de leitor precipitado, à medida em que tenta adivinhar o desfecho e estereotipar tanto a protagonista quanto o fato, desde o princípio denominado “particularíssimo” e “singular” pelo protagonista. Pretende-se acompanhar a linha do desejo delineada no texto, a qual se constrói a partir de um eixo de negação.

O Conselheiro, bem mais velho, como evidenciam seus cabelos grisalhos, narra ao jovem sua história com a divina Quintília. Segundo o dicionário Aurélio, a palavra homófona *quintilha* significa “estrofe de cinco versos, comumente em redondilha maior; quinteto” (Ferreira, 1986, p. 1438). Etimologicamente, é possível decompô-la em “quinto” + “ilha”, representando uma porção de terra delimitada pela água à sua volta, tornando-se isolada por esta (Amorim, 2006). O papel da personagem no conto pode ser associado, analogamente, ao seu nome, em consequência da relação de distanciamento que ela estabelece com os homens que a cercam.

Um aspecto importante a ser ressaltado é o fato de que, como objeto de desejo dos homens representados no conto, Quintília não corresponder aos ideais de beleza da época. Ela é apresentada como “a mais bela”, ainda que alta, magra e com quase trinta anos, índices esses que a tornariam menos desejável para o padrão então vigente. O narrador, contudo, atenua gentilmente tais deméritos, ao ressaltar que sua aparência permitia-lhe passar por mais jovem. Tais traços destoam ainda das outras personagens de Machado de Assis, geralmente medianas, “nem bonitas nem feias”.³ O conto, que se situa entre 1855 a 1859, pode facilmente relacionar-se ao período da década de 1860, na qual, segundo Hobsbawm (2010) as características sexuais eram aumentadas por meio de enchimentos. Nesse contexto, a figura magra de Quintília não corresponderia a essa escala de valores.

³ Tal expressão, tomada como exemplo, está presente no conto “Missa do Galo” (Assis, 2019, p. 714-720).

Os olhos são um elemento recorrente e essencial na análise das mulheres machadianas; são parte metonímica em cada uma delas, representando, muitas vezes, aspectos relevantes na composição das personagens. No caso de Quintília, seus olhos são lembrados como “noturnos”, porém “sem mistérios”; “espécie de olhos derramados que não foram feitos para homens ciumentos” (Assis, 2019, p. 603). A esse respeito, vale recordar a menção à personagem no poema “A um bruxo, com amor”, de Carlos Drummond de Andrade (1987), no qual há uma miscelânea de alusões a Machado e a seus respectivos personagens, romances e contos. Encontram-se, nesse poema, versos que se referem explicitamente à Quintília:

“Conheces a fundo
a geologia moral dos Lobo Neves
e *essa espécie de olhos derramados*
que não foram feitos para ciumentos.”
(Andrade, 1987, p. 348, grifo nosso)

São seus olhos que compõem uma mulher que não é de todo “transparente”, visto que são “olhos noturnos”, porém também são olhos sem mistério.⁴ Essa descrição poderia indicar Quintília como uma mulher que é peculiar e difícil de ser decifrada, que, entretanto, não oculta nenhum segredo maior. Já os “olhos derramados”, compõem uma bela imagem de uma mulher sedutora, dotada de um olhar que se espalha até atingir o outro.

De volta ao enredo, enquanto o Conselheiro caminha pelas ruas da Glória com seu interlocutor, recorda-se de que ali ficava a casa da "Divina Quintília"; lembrança que motiva seu relato. "A mais bela mulher" era desejada por todos os homens da cidade, que se referiam a ela como a uma "fortaleza inexpugnável" (Assis, 2019, p. 601). Sua recusa ao casamento é, durante algum tempo, ancorada na desaprovação do tio, com quem vivia: "o tio aconselhou a recusa, – cousa que ela sabia de antemão" (Assis, 2019, p. 603).

Nesse ponto, o interlocutor apressado (assim como o leitor) imagina se não seria o tio a causa da recusa sistemática da moça. O próprio narrador, porém, duvida disso, e o desenrolar do conto conduz o leitor à mesma suspeita. Após a morte do tio, Quintília permanece em sua fortaleza, recusando todos os pretendentes, embora não deixe de ser

⁴ A mesma qualidade de transparência será aludida à personagem em momento ulterior, porém em referência a seu corpo, cada vez mais delgado conforme se aproxima da morte.

graciosa com todos eles. Por esse motivo, o Conselheiro e seu amigo Nóbrega resolveram tentar, ambos, a sorte de desposá-la. Não contavam, contudo, que seriam encantados por Quintília. Ocultam um do outro seus verdadeiros sentimentos, até que o afastamento se torna inevitável.

Cabe lembrar, rapidamente, que Nóbrega, não tendo conquistado o coração da amada, mudou-se para o sertão da Bahia, onde conseguira uma nomeação de juiz municipal. Morre, segundo o narrador, “de amor”, qual um novo Werther – explicitamente citado –, “definhou e morreu antes de acabar o *quatriénio*” (Assis, 2019, p. 603, grifo nosso). Foram exatos quatro anos; simbolicamente, o personagem morre sem alcançar o *quinto* elemento, metonímico da personagem feminina, Quintília.

A deferência que a protagonista parecia dar ao narrador, porém, fez com que ele acreditasse na possibilidade de casamento. A negativa de Quintília, no entanto, vem de forma natural, sem afetações: “casar para quê?”. O Conselheiro inicialmente rejeita a proposta de manterem-se apenas amigos, mas acaba por ceder, a fim de agradá-la. A jovem oferece-lhe, então, uma garantia: “juro-lhe que não casarei nunca” (Assis, 2019, p. 606).

Pouco tempo depois, a moça adoece gravemente. O narrador chega a afirmar que a intimidade entre eles cresceu “de vulto” durante seu período de repouso e tratamento. Ele nota, também, a partir da observação de seus atos, que Quintília “tinha notícia vaga das paixões, e assistira a algumas alheias” (Assis, 2019, p. 607), mas achava-as tediosas ou incompreensíveis. Curiosamente, chega a tais conclusões após consultar, a sós, a biblioteca da convalescente. Esse movimento sugere que, de modo análogo, ao manusear seus livros, o narrador procurava por rastros que eventualmente levassem à compreensão daquela mulher de comportamento enigmático. Ao observar as marcações dos livros, bem como perscrutar aqueles que foram abandonados sem terem sua leitura concluída, vai inferindo quais seriam seus interesses íntimos. Incapaz de interpretar sua conduta, o narrador procura “lê-la” metaforicamente, por intermédio dos livros de que dispunha.

Após insistir para que o médico fosse sincero a respeito de seu estado terminal, e estando, portanto, “certa que morreria”, Quintília “ordenou o que prometera a si mesma” (Assis, 2019, p. 607): casou-se com o Conselheiro em seus últimos dias e faleceu dois dias após a cerimônia. O personagem-narrador frisa, já nas últimas linhas

do conto, que o primeiro abraço do casal ocorreu apenas depois da morte da noiva. Em sua concepção, Quintília teria "uma aversão puramente física" ao casamento e acrescenta-lhe, por esse motivo, a ligação ao divino. Retome-se o desfecho na íntegra:

Não sei o que dirá a sua fisiologia. A minha, que é de profano, crê que aquela moça tinha ao casamento uma aversão puramente física. Casou meio defunta, às portas do nada. Chame-lhe monstro, se quer, mas acrescente divino. (Assis, 2019, p. 607)

Nesse excerto, o Conselheiro oferece sua análise dos fatos e, de antemão, antecipa o que imagina ser o pensamento do interlocutor, que poderia tomá-la por monstruosa, e seu ímpeto seguinte é a tentativa de acrescentar a essa epígrafe a característica divina. Com isso, no entanto, ele revela sua própria interpretação do caso "particularíssimo", restringindo-o ao campo da biologia, com a escolha lexical por "fisiologia" em lugar de outras possibilidades mais diretamente ligadas aos campos do saber e do raciocínio lógico. Ao contrário, o viúvo constrói sua interpretação dos fatos a partir de aspectos fisiológicos e profanos.

A presença do olhar como eixo interpretativo é um traço recorrente na construção das personagens femininas de Machado de Assis.⁵ Ampliando o escopo para outros textos do autor, nota-se certa operação comum ao olhar de Quintília, estendido a personagens como Capitu, de *Dom Casmurro* (1899), **Virgília**, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), e **Sofia**, em *Quincas Borba* (1891). Em todos esses casos, o olhar feminino pode ser percebido simultaneamente como objeto de desejo e fonte de inquietação. Todas são figuras femininas construídas sob o olhar masculino do narrador, que as observa com desconfiança e desejo, compondo uma galeria de mulheres cuja complexidade escapa à interpretação dos homens que as descrevem.

Cada um a seu modo, os olhares são entendidos como capazes de dissimular intenções, a um só tempo revelando e ocultando algo da interioridade dessas personagens e, justamente por isso, atraindo o narrador e desestabilizando-o. A insistência em decifrar o enigma feminino pode ser situada, portanto, como um gesto de poder simbólico, à medida em que se trata de um olhar que tenta traduzir o outro em termos que o próprio sujeito possa dominar.

⁵ Estudos sobre a ficção do autor ressaltam que Machado de Assis recorre com frequência à descrição dos olhos e do olhar como meio de sugerir aspectos íntimos das personagens, sobretudo femininas, em que a linguagem gestual e visual compensa a escassez de expressão verbal direta no contexto social restritivo. A esse respeito, ver, entre outros, as análises de Bosi (1999) e Freitas (2008).

Nesse sentido, a narrativa de “A Desejada das Gentes” reitera o procedimento machadiano de criação de perspectivas e dúvidas. Como ocorre em *Dom Casmurro*, o leitor tem acesso apenas à versão do narrador, o Conselheiro, que reconstrói os fatos a partir da memória e da perda. Assim como Bentinho, ele fala mais sobre si do que sobre a mulher que procura compreender. A impossibilidade de ouvir Quintília, dado o foco narrativo do conto, instaura o silêncio da personagem e desloca a interpretação para o campo da incerteza. Desse modo, o que se lê acerca de Quintília não representa necessariamente a “verdade” dos acontecimentos, dentre outros no enredo, mas o modo como um homem tenta narrar o que não entende e que o assombra: o comportamento indecifrável da mulher desejada.

Essa restrição do ponto de vista narrativo pode ser mais bem compreendida com base na tipologia proposta por Norman Friedman (2002), que distingue, entre outros, o narrador em primeira pessoa como protagonista e aquele que atua como testemunha dos acontecimentos. Em ambos os casos, a narrativa é marcada pela limitação do conhecimento e pela interferência da subjetividade, já que o narrador não dispõe de acesso pleno às motivações ou à interioridade das demais personagens. No conto “A Desejada das Gentes”, o Conselheiro aproxima-se desse modelo, uma vez que narra a partir de sua experiência afetiva e de suas impressões retrospectivas, compondo um relato permeado por lacunas, idealizações e tentativas de justificar o próprio olhar. A aparente objetividade do tom confessional mascara, assim, uma leitura enviesada dos fatos – o que reforça a necessidade de desconfiar da voz narrativa, como ocorre também em *Dom Casmurro*.

Assim, a análise do narrador, ao reduzir o enigma de Quintília à ordem da “fisiologia” e ao conferir-lhe uma aura de excepcionalidade, reflete o modo como o discurso masculino de seu tempo lidava com o corpo e o desejo femininos: como território a ser decifrado, controlado ou santificado. Essa leitura, marcada por um olhar que oscila entre o fascínio e a incompreensão, situa-se no cruzamento entre construções sociais e simbólicas de gênero que definem o lugar da mulher na modernidade otocentista. No segmento seguinte, a discussão se amplia a partir das contribuições de Michelle Perrot e Hobsbawm, que permitem compreender as representações femininas no contexto histórico e social da narrativa, e de Freud e Lacan, cuja noção de *objeto a*

ilumina o modo como o desejo e a falta estruturam as relações entre os personagens e o imaginário que os envolve.

A recusa como gesto: Quintília e a ordem patriarcal

Um dos eixos centrais do conto é a presença da negação, caracterizada, primeiramente, pela postura da personagem em se opor ao padrão vigente de sua época. Segundo Michelle Perrot (2010), no século XIX o casamento constituía o estado civil mais comum, com papéis rigidamente delimitados entre os gêneros. À mulher burguesa, sobretudo, cabia um modelo de conduta muito claramente definido. Eric Hobsbawm cita John Ruskin, para quem o trabalho das mulheres consistia em: “agradar as pessoas; alimentá-las de forma deliciosa; vesti-las; mantê-las em ordem; ensiná-las” sendo, segundo o filósofo Martin Tupper, “o bom anjo da casa, a mãe, esposa e amante” (Hobsbawm, 2010, p. 360). Mais ainda, esperava-se das mulheres a adoção de um sentimento de satisfação e de lealdade.

Hobsbawm refere-se à família, como não apenas “a unidade social básica da sociedade burguesa, mas também a unidade básica do sistema de propriedade e das empresas de comércio” (Hobsbawm, 2010, p. 358), ressaltando a importância do dote e de uma sociedade que negava os valores patriarcais para, contraditoriamente, representá-los na hierarquia da família. Explica, ainda, o diferente contrato que era mantido na sociedade entre os casais, no qual somente aos homens era permitida a infidelidade, desde que velada.

Diante desse contexto, a figura de Quintília, mulher rica e socialmente privilegiada, mas que se opõe à lógica da sociedade burguesa, permite dois caminhos interpretativos: o primeiro é a constatação de sua postura como o principal eixo de negação do conto; o segundo, a reflexão sobre o que teria motivado tal recusa. Pode-se pensar que a personagem não aceita integrar um sistema que submete a mulher a uma posição de desigualdade, recusando-se, portanto, a pertencer a ele. Contudo, seus gestos e falas são marcados por uma naturalidade que revela uma recusa serena, amadurecida e coerente com sua própria natureza.

Essa ambiguidade não seria problemática sob a ótica adorniana. Em “O Ensaio como Forma”, Theodor W. Adorno (2003) defende que o objeto do pensamento é problemático e ressalta a dificuldade de delimitação de respostas; não havendo

conclusões prontas, o definitivo, mas sim explicações de ideias, as quais podem ser mutáveis e efêmeras – de modo que a busca por respostas definitivas deve ser substituída pela explicitação de ideias em constante movimento. Assim, a postura de Quintília – simultaneamente afirmativa e negativa – não se resolve em conclusões estáveis, mas se apresenta como campo de tensão e de contradição.

Dentro dos padrões vigentes na sociedade burguesa, a mulher ainda era concebida como um ser espiritual (Hobsbawm, 2010), ideia reiterada no conto, no qual a protagonista é denominada “Divina Quintília” e tem suas recusas ao casamento interpretadas como virtude transcendental. A associação entre o espiritual e o sexual reforça a hipótese de que a recusa feminina ao matrimônio é sublimada, deslocando o desejo para o plano simbólico.

Como mencionado, a narrativa é regida pela lógica da negação. As repetidas recusas ao casamento motivam o desejo, que funciona como eixo em torno do qual o conto se organiza, conforme sugere o próprio título "A Desejada das Gentes". Tudo gravita em torno desse desejo, assim como as personagens orbitam em torno da ilha solitária, Quintília. São as negativas da moça que motivam o investimento afetivo do narrador e do amigo Nóbrega, assim como o dos vários outros pretendentes.

Considerando a condição de objeto impossível assumida pela personagem, toma-se de empréstimo o conceito lacaniano de *objeto a*, entendido como um objeto faltoso e inatingível (Lacan, 1985). Em linhas gerais, o *objeto a* seria o "objeto perdido da história de cada sujeito", o qual "pode ser reencontrado nos sucessivos substitutos que o sujeito organiza para si em seus deslocamentos simbólicos e investimentos libidinais imaginários" (Jorge, 2005, p. 142).

Note-se de que, para delimitar esse desejo estritamente ligado à falta, Lacan chegou a chamá-lo, por um período, de *objeto negativo*. Retornando ao texto, lembre-se de que a moça *não* era casada, *não* parecia ter a idade que tinha, seus olhos *não* tinham mistério, *não* aceitaria recusas quanto ao casamento às vésperas da morte... Nesse contexto, tais negativas, estruturantes da enunciação do conto, bem como as negativas de Quintília aos pretendentes, podem ser lidas, metonimicamente, como manifestações desse *objeto a*. Dessa feita, o efeito produzido pelas negativas abundantes seria o de acenar para a construção dessa personagem vinculada às figurações do desejo

impossível, encarnado na "desejada das gentes" (expressão que dá nome ao conto, mas não se repete no interior da narrativa).

A questão do desejo ocupa lugar de destaque na teoria psicanalítica e vale uma breve retomada conceitual. Importa frisar como características essenciais que o desejo é compreendido como o motor da atividade psíquica; não se encontra sua causa, pois o objeto está perdido e só restam suas marcas. Sua conceituação surge, com Freud, na *Interpretação dos Sonhos* (1900): o psicanalista discute a existência de um desejo inconsciente, atrelado a uma experiência de satisfação, e esclarece que tal desejo não tem um tempo específico, pois vincula-se, simultaneamente, à infância, ao presente e, como projeção, ao futuro (Freud, 1900).

Posteriormente, Lacan postula o desejo em dois termos, necessidade e demanda; o primeiro é voltado a objetos concretos buscando satisfação, enquanto o segundo articula-se em palavras e vai além do objeto (Lacan, 1985). A conceituação do desejo lacaniano diferencia-se da freudiana pois parte da filosofia, sobretudo com base no pensamento de Hegel, e está atrelada a um caráter de reconhecimento e cobiça antes não explorado. Além disso, seu diferencial está no entendimento de que o desejo humano é fronteiriço com o desejo do Outro, pois se configura nessa mediação. Ao explicar o conceito de desejo na psicanálise, Luiz Alfredo Garcia-Roza frisa que

esse desejo só pode ser pensado na sua relação com o desejo do outro e aquilo para o qual ele aponta não é o objeto empiricamente considerado, mas uma falta. De objeto em objeto, o desejo desliza como que numa série interminável, numa satisfação sempre adiada e nunca atingida (Garcia-Roza, 1985, p. 139).

Ao se considerar que “o desejo mantém uma relação absolutamente estrita com a falta” (Jorge, 2005, p 139), pode-se entrever de que modo o desejo pela personagem feminina do conto se alimenta e aumenta à medida em que nunca pode ser satisfeito. É justamente a repetição das negativas da moça que a tornam, além de indecifrável, inesquecível. Se o desejo é constituído na falta e não pode ser completamente apreendido, a não ser por suas marcas ou rastros; se vai deslizando por objetos sem nunca alcançar uma solução, ou satisfação total, vê-se como a inacessibilidade de Quintília tem grande importância no sentido de torná-la “a desejada das gentes”.

Nesse cenário, a postura de Quintília, ao recusar sistematicamente os papéis prescritos à mulher na sociedade oitocentista, projeta-se como gesto de resistência

silenciosa a uma ordem simbólica estruturada pela voz masculina. Entre o divino e o monstruoso, ela encarna a falta que sustenta o desejo, instaurando um espaço de negação que é, a um só tempo, social e subjetivo. Se, à luz de Hobsbawm e Perrot, tal recusa evidencia as tensões de gênero e as contradições da moral burguesa, o conceito lacaniano de *objeto a* permite compreendê-la como figura do impossível: objeto de desejo e ausência constitutiva. No segmento seguinte, o conto “O espelho” oferecerá a chave conceitual para aprofundar essa reflexão, ao propor uma teoria sobre o sujeito dividido entre a imagem exterior e a interioridade, tensão que também se reflete na construção de Quintília.

Reflexos do sujeito: Quintília e a “alma exterior” machadiana

No conto “O Espelho”, publicado em 1882, Machado de Assis propõe uma reflexão sobre a constituição do sujeito, apresentado como ser dividido entre “alma exterior” e “alma interior”. Segundo o narrador, Jacobina, “as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja” (Assis, 2019, p. 417). A primeira é descrita como a parte do indivíduo dependente de fixações externas – os papéis, as funções e os signos sociais que conferem identidade. Já a “alma interior” não é tão bem explorada no texto e fica em segundo plano, possivelmente porque ela corresponderia à ideia que se faz de uma alma no senso comum, não necessitando de maiores detalhamentos. Assim, o autor não a define exatamente, deixando-a aberta à interpretação de seus interlocutores.

O narrador assegura, ainda, que esse tipo de alma exterior “não é sempre a mesma”, podendo variar “de natureza e de estado”. Cita como exemplos diferentes objetos ou atividades que acompanham as pessoas, em variações de tempo que podem seguir as fases do desenvolvimento humano (um chocalho na infância, a participação em uma irmandade na juventude) ou até as estações durante um ano (“conheço uma senhora (...) que muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano”, passando pela ópera, concertos, bailes, “a rua do Ouvidor, Petrópolis...”) (Assis, 2019, p. 417). A perda dessa “alma exterior”, inconstante e frágil, poderia implicar a dissolução da própria identidade, levando o sujeito a perder-se de si mesmo.

Na sequência do enredo, Jacobina narra um episódio de sua própria vida em que isso ocorre, dando testemunho da existência da alma exterior. Ele relata que, ao ser

promovido a alferes e receber a vestimenta correspondente, passou a perceber-se como outro homem: a farda tornara-se a sua alma exterior, fonte de prestígio e autodefinição. Quando, em isolamento, foi privado do espelho e da presença dos outros, perdeu gradualmente a consciência de si, até reencontrá-la apenas ao vestir novamente o uniforme. A narrativa ilustra, de modo alegórico, a dependência do sujeito em relação à imagem que o outro lhe devolve.

Alfredo Bosi (1999) interpreta essa “alma exterior” como uma máscara, atrás da qual há desejos; já Roberto Schwarz (1990) considera que, em Machado, a aparência é o único componente do indivíduo, afirmando que não há nada além disso. Bosi discorre, ainda, sobre Machado não supor a autonomia do indivíduo, bem como sobre o quanto as instituições adquirem um papel primordial na sobrevivência cotidiana.

Aplicando essa perspectiva à personagem de Quintília, percebe-se que as instituições e convenções sociais não apenas orientam seu comportamento, como ampliam o peso de suas responsabilidades, aspecto decisivo para a compreensão de sua doença e isolamento. Os bailes, o papel de sobrinha e de mulher graciosa, os passeios e as relações sociais constituem sua “alma exterior”. Quando, porém, torna-se “severa e grave” diante do Conselheiro, o narrador observa que ela parecia “tão diferente do que costumava ou parecia ser”, sugerindo a tensão entre duas faces da mesma mulher – a que vive segundo o olhar social e a que se retrai diante da intimidade.

Essa duplicidade aproxima “A Desejada das Gentes” de “O Espelho”: em ambos os textos, Machado explora o modo como a identidade depende do olhar alheio e de suas projeções. Quintília, tal como Jacobina, é definida pelo reflexo que os outros lhe impõem – o da mulher inacessível, “divina”, objeto de desejo e de recusa. O conto, assim, dramatiza a impossibilidade de apreender a interioridade do sujeito, especialmente quando ele é construído a partir da perspectiva de um outro.

Essa relação entre identidade e reflexo permite pensar que a “alma exterior” de Quintília é inteiramente mediada pelo olhar masculino. A personagem se vê e se constrói a partir das expectativas que a cercam – a mulher admirada, recatada, “divina” –, papéis que lhe são atribuídos pela sociedade e reiterados pelo narrador. A interioridade, ao contrário, permanece inacessível, como se o conto afirmasse a impossibilidade de narrar o sujeito feminino fora das molduras simbólicas impostas pelo outro. Nesse ponto, a teoria implícita em “O Espelho” ilumina o mecanismo central de

“A Desejada das Gentes”: o que se apresenta como relato sobre uma mulher é, na verdade, o reflexo das idealizações e limites do próprio narrador.

Pode-se refletir, ainda, sobre a posição de Quintília em uma sociedade patriarcal, na qual, apesar dos deslocamentos promovidos pela burguesia, persistem as hierarquias familiares e simbólicas. No plano narrativo, essa estrutura se repete: são sempre homens que falam sobre uma mulher, apresentada apenas pelo filtro de sua voz. Otto Maria Carpeaux descreve Quintília como “um caso meio romântico: recusa a todos pretendentes e morre sem ter alcançado a felicidade nem a ter dado a ninguém” (Carpeaux, 1972, p 34), considerando a recusa da personagem ao casamento como fator preponderante à sua felicidade e à felicidade alheia. Essa leitura, embora pertinente, simplifica o gesto da personagem, reduzindo-o à negação sentimental. No entanto, “A Desejada das Gentes” parece operar em um nível mais sutil: não dá respostas por Quintília, mas expõe a impossibilidade de fazê-lo.

Entre o desejo e a falta: considerações finais

A leitura de “A Desejada das Gentes” permite observar como Machado de Assis articula, sob a aparência de uma narrativa de amor frustrado, uma reflexão mais ampla sobre o desejo e o olhar. O conto evidencia o modo como a mulher é construída discursivamente a partir de uma perspectiva masculina que, ao tentar compreender o outro, revela suas próprias limitações. Quintília encarna, assim, a ausência e o silêncio – não como vazio, mas como resistência: ela nega o papel que lhe é imposto e transforma essa negação em forma de existência.

Em diálogo com as formulações de Michelle Perrot e Eric Hobsbawm, a análise mostra a personagem como figura de ruptura no contexto da moral burguesa, recusando os lugares de esposa e de “anjo do lar” que definiam o feminino no século XIX. A partir de Freud e Lacan, essa recusa pode ser entendida como inscrição simbólica da falta: o *objeto a* que sustenta o desejo sem jamais satisfazê-lo.

A interlocução com “O Espelho” reforça o diálogo interno à obra machadiana, na qual a identidade é dependente da imagem e do olhar do outro. Tanto Jacobina quanto Quintília vivem a tensão entre a aparência social e uma interioridade que jamais se mostra por completo. A diferença é que, no caso de Quintília, esse espelho é narrado de fora – e o reflexo que chega ao leitor é filtrado pela voz do Conselheiro, cuja

confiabilidade é posta em dúvida. Assim, entre o silêncio e o reflexo, “A Desejada das Gentes” permanece como uma narrativa sobre o impossível: o de apreender o outro e o de compreender o próprio desejo.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. In: ADORNO, Theodor. *Notas de Literatura I*. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.
- AMORIM, Cristiane Teixeira de. Máscaras do Desejo em “A Desejada das Gentes”, de Machado de Assis. Blog *Singrando Horizontes*, 27 jan. 2011. Disponível em: https://singrandohorizontes.blogspot.com/2011/01/machado-de-assis-analise-dos-contos-de_27.html. Acesso em: 26 out. 2025.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. A um bruxo, com amor. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *A vida passada a limpo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.
- ASSIS, Machado de. A desejada das gentes. In: ASSIS, Machado de. *Todos os contos*. Volume 1. Introdução de Ana Lucia Machado de Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019, p. 600-607.
- ASSIS, Machado de. O espelho. In: ASSIS, Machado de. *Todos os contos*. Volume 1. Introdução de Ana Lucia Machado de Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019, p. 415-422.
- ASSIS, Machado de. Missa do Galo. In: ASSIS, Machado de. *Todos os contos*. Volume 1. Introdução de Ana Lucia Machado de Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019, p. 714-720
- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Todavia, 2023.
- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Todavia, 2023.
- BOSI, Alfredo. *O enigma do olhar*. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- CARPEAUX, Otto Maria. *Machado para juventude*. Rio de Janeiro: Lia Editor, 1972.
- FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A., 1986.
- FREITAS, Norma de Siqueira. O olhar: janelas da alma na ficção machadiana. *Revista da Anpoll*, 2(24), 2008.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos* [1900]. Trad: Paulo César de Souza. 1.^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. (Obras completas, volume 4)
- FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção – o desenvolvimento de um conceito crítico. *Revista USP*, Nº53, maio, 2002.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

HOBSBAWN, Eric. *A era do Capital, 1848-1875*. Trad Luciano Costa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2010.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan, vol. I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LACAN, Jacques. *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise: O seminário, livro 11 (1964)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História – Operários, Mulheres e Prisioneiros*. Trad Denise Bottman. Editora Paz e Terra: São Paulo, 2010.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do Capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

Recebido em 19/09/2025

Aceito em 22/12/2025